

CONTRIBUIÇÕES DE ERVING GOFFMAN PARA OS ESTUDOS LINGÜÍSTICOS¹

CLEUDEMAR ALVES FERNANDES

Abstract

This paper has the objective to present the theories of Erving Goffman that contribute to linguistic analysis. In this perspective, an effort was made in order to include most of Goffman's works pointing out the central issues that deal with discourse analysis in social interaction. These theoretical considerations, besides approaching specific issues of Social Psychology and Sociology, consider proposals of studies in Interactional Sociolinguistics, Conversation Analysis and Discourse Analysis.

Key words

Linguistics; interaction; interdisciplinarity; face to face conversation.

Introdução

Muitos dos trabalhos lingüísticos ocupam-se, primordialmente, da análise de aspectos extralingüísticos que, no momento em que são empregados, apresentam-se como inerentes ao discurso. Entre os estudos que se enquadram nessa perspectiva, destacam-se aqueles que abordam, para análise, aspectos lingüísticos centrados na interação, ou algum elemento especificamente de caráter sociocultural ou psicossocial, a partir da linguagem utilizada pelo(s) sujeito(s) em conversação.

Os estudos dessa natureza são de caráter interdisciplinar e, muitas vezes, fundamentam-se em teorias e/ou teóricos oriundos de diferentes áreas do conhecimento, além da Lingüística.

Dos teóricos de outras áreas do conhecimento que contribuem para a Lingüística, uma presença marcante tem sido Erving Goffman, objeto de investigação para o estudo que ora se apresenta. Tem-se, pois,

o objetivo de destacar as contribuições teóricas desse estudioso para os estudos lingüísticos.

Goffman e suas contribuições para a Lingüística

Goffman, sociólogo canadense, ao desenvolver pesquisas em Sociologia, Psicologia Social e Antropologia, nos Estados Unidos, apresentou valiosas contribuições para análises lingüísticas. Seus estudos, realizados a partir de observações empíricas, sempre com o objetivo maior de conhecer o mundo social dos sujeitos em observação, envolveram várias áreas das ciências humanas.

Para Goffman (1992: 8), “*qualquer grupo de pessoas desenvolve uma vida própria que se torna significativa (...) e uma boa forma de conhecer qualquer desses mundos é submeter-se à companhia de seus participantes, de acordo com as pequenas conjunturas a que estão sujeitos*”.

Entre as áreas de sua atuação, destacam-se os trabalhos em Sociologia e Psicologia Social, ressaltando os estudos sobre o mundo social de pacientes internados em hospital psiquiátrico, e sobre “*a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena*”. Mas, entre seus estudos, apresentam-se como mais relevantes para análises lingüísticas os trabalhos que versam sobre comunicação e interação face a face.

Insistindo em que a fala ocorre em uma estrutura interacional, Goffman estuda-a como parte de um todo que engloba aspectos físicos, sociais e culturais próprios do ambiente verbal em que se realiza.

No tocante, especificamente, a análises lingüísticas baseadas em pressupostos teóricos apresentados por Goffman, encontramos-lo, geralmente, presente em estudos que se preocupam com a linguagem como um fato sociointeracional, opondo-se à concepção de linguagem como gramática ou sistema de regras lingüísticas. A título de exemplo, pode-se citar Magalhães (1996), “*uma coletânea com trabalhos de pesquisadores de diversas universidades brasileiras. Os trabalhos foram apresentados no I Encontro de Interação em Linguagem Verbal e Não-Verbal, realizado na Universidade de Brasília, em março de 1993*”³. Entre os estudos apresentados, encontram-se abordagens voltadas para Análise do Discurso, Análise da Conversação e

Sociolinguística Interacional, em uma relação de interdisciplinaridade e, até mesmo, de “inseparabilidade”.

Sobre a presença de Goffman nos estudos lingüísticos, Malufe (1992: 18) assegura, ainda, que “*a obra de Goffman volta-se decisivamente na direção de uma Sociolinguística, com o aparecimento de seus trabalhos mais sistemáticos de análise da conversação*”.

O primeiro estudo de Goffman, intitulado *A situação negligenciada*, deu origem a vários outros, constituindo, assim, um novo campo disciplinar. Publicado primeiramente em um periódico de Antropologia, em 1964, Goffman (1998a) faz um apelo a pesquisadores, de uma maneira geral, que incluam em seus estudos os aspectos referentes à situação social inerente à comunicação na interação face a face até então negligenciada, omitida nas pesquisas.

Afirmando que a situação social constitui uma realidade *sui generis*, o autor define-a “*como um ambiente que proporciona possibilidades mútuas de monitoramento, qualquer lugar em que um indivíduo se encontra acessível aos sentidos nus de todos os outros que estão ‘presentes’ e para quem os outros indivíduos são acessíveis de forma semelhante. (...) uma situação social emerge a qualquer momento em que dois ou mais indivíduos se encontram na presença imediata um do outro e ela dura até que a penúltima pessoa saia*” (Goffman, 1998a: 13-14).

Os encontros são a organização social de uma orientação corrente compartilhada e a interação face a face, segundo Goffman (1998a: 14), “*tem seus próprios regulamentos, seus próprios processos e sua própria estrutura, e estes não parecem ser de natureza intrinsecamente lingüística, mesmo que freqüentemente expressos por um meio lingüístico*”.

Com o reconhecimento da importância da situação social nos estudos, principalmente sobre a linguagem, “*o estudo da relação língua e sociedade passa a ser visto a partir do uso da fala em contextos sociais específicos, assumindo um arcabouço teórico bem mais complexo*” (Ribeiro e Garcez, 1998: 11). A partir de então, vários pesquisadores desenvolveram estudos focalizando aspectos sociais observáveis e explicáveis na interação entre sujeitos se comunicando.

Tendo Goffman como um de seus orientadores, a importância atribuída à situação social abriu caminho para Philips (1998) tornar-

se pioneira, ao incluir a participação do(a) ouvinte na construção da conversação. Essa autora considera o papel do(a) ouvinte na interação face a face como quem exerce o controle sobre os turnos de fala de outros falantes, podendo influenciar a estrutura seqüencial da conversa. Para Philips (1998: 17), “*o modo verbal e o modo não-verbal de ordenação da fala se integram em um único sistema de organização da interação*”.

Ao enfatizar o papel do(a) ouvinte na interação face a face, a autora compara a ordenação da conversa do sistema índio “Warm Springs” com o do branco de classe média anglo-americano. Ocupa-se, basicamente, da importância de aspectos da sinalização não-verbal no papel dos interlocutores envolvidos na interação. Destaca para análise a movimentação do corpo, as mudanças de alinhamento do corpo e do rosto, os movimentos das sobrancelhas, das pupilas e dos músculos da face e a direção do olhar.

A leitura de estudos seguidores da proposta de Goffman que contribuem para a constituição da Sociolinguística Interacional apresenta em Bateson (1998)⁴, um estudo psiquiátrico sobre brincadeira e fantasia, a formulação do conceito de *enquadre* (*Frame*). Bateson (*apud* Ribeiro & Garcez, 1998: 57) define *enquadre* como delimitação ou representação da “*classe ou conjunto de mensagens ou ações significativas. O enquadre é, portanto, um conceito de natureza psicológica que capta o grau de ambivalência presente nas comunicações humanas*”.

Goffman (1974), em estudo posterior ao supracitado, toma o conceito de *enquadre* como princípio básico para a análise da interação. A partir desse conceito e de reflexões acerca da pesquisa realizada por Gumperz e Blom (1998) (primeira publicação datada de 1972) sobre o significado social da alternância de códigos em uma cidade da Noruega, Goffman (1998b) desenvolve o conceito de *footing*, publicado inicialmente em um periódico de Semiótica, em 1979. Este estudo, fundamental para a Sociolinguística Interacional, leva Goffman a confirmar-se como referência indispensável nesta disciplina.

O conceito de *footing*, traduzido em Ribeiro & Garcez (1998: 70) como “*alinhamento, postura, posição, a projeção do ‘eu’ de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção*”, é

desenvolvido por Goffman como um desdobramento do conceito de *enquadre*, anteriormente mencionado.

Nas interações face a face os participantes marcam os *footings* pela maneira como produzem e recebem um enunciado. “*Footings são introduzidos, negociados, ratificados (ou não), co-sustentados e modificados na interação. Podem sinalizar aspectos pessoais, papéis sociais, bem como intrincados papéis discursivos*” (Ribeiro & Garcez, 1998: 70).

A análise do *footing* é um trabalho de natureza sociológica que busca verificar o desempenho das identidades sociais e lingüísticas dos sujeitos envolvidos na interação. Busca verificar a maneira “*como essas identidades se emergem, como se constituem no discurso e como afetam de forma sutil, porém definitiva, a interação em curso*” (Ribeiro & Garcez, 1998: 70-71).

O estudo de Goffman intitulado *Footing* representa um avanço nas suas reflexões, uma vez que a verificação de suas contribuições específicas para a constituição da Sociolingüística Interacional apresenta a intercalação de estudos de outros autores aos seus.

Nome marcante na Sociolingüística Interacional, Goffman apresenta, em sua obra, uma proposta teórica para a análise da imagem social a partir da linguagem empregada na interação face a face⁵.

Parte das teorias de Goffman que contemplam propostas mais recentes de estudos em Sociolingüística, a chamada Sociolingüística Interacional, volta-se para o estudo da imagem social de um sujeito em observação. Com intuito de evidenciar as contribuições desse autor para a Lingüística, apresentaremos aqui a proposta teórica de análise da imagem social, a partir da linguagem empregada na interação face a face, e seguiremos com a exposição de algumas questões voltadas com maior especificidade para a Análise da Conversação.

Em uma acepção goffmaniana, todo ser humano, apreendido como sujeito, vive em um mundo social, no qual se encontra em contato com outros sujeitos. Por meio desses contatos, é levado a exteriorizar, por representações, uma imagem de si.

Nessa perspectiva, Goffman (1995) assegura que, a partir da linguagem, pode-se analisar a imagem social que determinado sujeito em observação tem de si mesmo nos momentos de interação e a imagem que

os outros, centrados no exterior, têm dele. Considerando que um sujeito interage em diferentes momentos e em diferentes ambientes, pode-se observar como a imagem desse sujeito, em cada ambiente em que atua, é constituída para si e para os outros sujeitos que assistem a ele(a).

No tocante ao modelo teórico que respalda esse estudo, Goffman (1995) apresenta um quadro de referência que afirma ser característico de grande parte da interação social. A interação ocorre em ambientes naturais e o quadro de referência encontra-se em conformidade com questões criadas pela necessidade de manter uma definição da situação projetada diante de outras pessoas.

Ao detalhar o referido quadro, inicia considerando a maneira pela qual o sujeito, em situações quotidianas, apresenta-se a si e às outras pessoas, bem como os meios pelos quais procura controlar sua imagem enquanto se encontra desempenhando suas atividades. Assim, o papel de um sujeito é determinado de acordo com os papéis desempenhados pelos outros sujeitos presentes. Esses outros sujeitos, por sua vez, constituem a platéia.

Um sujeito, ao aproximar-se de outros, que constituirão a platéia, tem as informações a respeito de sua situação socioeconômica, de uma forma geral, colocadas à tona pela platéia que, geralmente, lança mão de conhecimento e informações prévias sobre o sujeito que se aproxima. Essas informações a seu respeito são decorrentes de experiências anteriores e servem para definir a melhor maneira de agir para se estabelecer a interação.

Podemos verificar também que cada cenário social específico serve para determinar, ou identificar, um tipo específico de sujeito que nele se encontra.

Utilizando palavras de Goffman (1995: 15), vimos que “*quando um sujeito chega diante de outros, suas ações influenciarão a definição da situação que se vai apresentar*”. Nessa perspectiva, procurará agir de maneira premeditada para transmitir aos outros o tipo de impressão que necessita para levá-los a mostrar-lhe, por meio de uma resposta, o que lhe interessa obter.

A partir do momento em que os outros agem como se tivessem apreendido determinada impressão do sujeito que se encontra representando, tem-se uma perspectiva pragmática e pode-se considerar que o sujeito projetou uma certa definição da situação. Deve-se considerar,

aqui, que o sujeito em ação se apresentará certamente sob uma luz favorável, o que pode levar a “platéia” a entender ao que assiste como uma manipulação constituída por afirmações verbais.

Quando um sujeito projeta uma definição da situação diante dos outros, estes projetarão também uma definição da situação em decorrência da resposta dada ou de qualquer ação praticada em relação a ele(a). Todos os participantes contribuem, conjuntamente, para uma única definição geral da situação. Evita-se, assim, um conflito de definições da situação e, na interação, há a constituição social dos sujeitos envolvidos.

No que se refere ao sujeito, logo no início da interação, este(a) prende-se àquilo que se propõe ser e exclui, portanto, as pretensões e possibilidades de ser outras coisas. Procura, nesse momento, determinar a linha de tratamento que vai exigir, dada à dificuldade para alterá-la posteriormente. Contudo, durante a interação, podem ocorrer fatos que desacreditem ou coloquem em dúvida essa projeção. Isto implica um caráter moral das projeções.

Nesse sentido, Goffman (1995: 21) afirma que *“a sociedade está organizada tendo por base o princípio de que qualquer indivíduo que possua certas características sociais tem o direito moral de esperar que os outros o valorizem e o tratem de maneira adequada. Ligado a este princípio há um segundo, ou seja, de que um indivíduo que implícita ou explicitamente dê a entender que possui certas características sociais deve de fato ser o que pretende que é”*. Conforme pode ser observado, ao fazer uma projeção de uma situação que implica ser um determinado tipo, o sujeito faz uma exigência moral sobre os outros, em relação à forma de tratamento esperado.

O relacionamento social surge quando um sujeito desempenha o mesmo papel para a mesma “platéia” em diferentes momentos. Nessa acepção, chega-se ao estabelecimento do papel social, o que envolve um ou mais movimentos representados (e aceitos) em variados momentos para a mesma platéia. Todo ser humano, onde quer que se encontre, estará sempre representando um papel social, e é por meio deste papel que se torna conhecido e que conhece a si mesmo. O papel desempenhado por um sujeito denota seu *status* social.

Goffman (1995) emprega o termo “representação” para referir-se a toda atividade desempenhada por um sujeito diante de um grupo de

outros sujeitos observadores sobre os quais o primeiro exerce alguma influência. Sendo este desempenho realizado de forma regular e fixa, tem-se aí a definição de uma posição social que o sujeito ocupa. A isto o autor em destaque denomina “fachada”. Este termo é subdividido em “*fachada social*”, para especificar o que é comum aos sujeitos pertencentes a um mesmo grupo específico, representando o que é permitido e o que é obrigado a todos –, uma representação coletiva; e em “*fachada pessoal*”, para referir-se a tudo o que, de uma maneira mais íntima, identifica o próprio sujeito, referindo-se, pois, à posição que ele(a) ocupa no grupo social do qual participa. Encontramos ainda o termo “*cenário*”, como referente às partes cênicas expressivas para a definição da situação.

A posição social referida, anteriormente, é apresentada por meio de uma aparência pela qual se pode saber o *status* social de um sujeito específico, bem como o estado de sua atuação, se é formal ou informal, em que fase de sua vida encontra-se, etc. Deve-se considerar também a maneira como o sujeito apresenta-se para informar sobre o papel de interação que desempenhará.

Goffman (1995) enfatiza que, quando um sujeito encontra-se na presença dos outros, procura incorporar em seu desempenho os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade, o que implica uma reafirmação dos valores sociais legitimados pela comunidade.

Ao falar das representações diárias do sujeito, percebe-se que um importante aspecto a ser considerado é o *status* que se associa à classe social, definida pela riqueza material.

No que concerne ao *status*, em muitos casos, encontram-se sujeitos que denotam ter motivos ideais e reais que correspondem ao papel que estão representando e que possuem os atributos necessários para o papel. Sendo assim, a fachada pessoal corresponde à fachada social. Mas uma representação pode também exibir valores ideais que correspondem a uma posição inferior à que o sujeito aceita para si, ou superior à posição que ele(a) realmente ocupa. Nesse caso, encontra-se uma falsa representação decorrente de uma discrepância entre a aparência e a realidade.

Nos momentos de interação face a face, o sujeito preocupa-se, acima de tudo, em manter a coerência expressiva e procura prevenir-se contra

possíveis desacordos, considerando o propósito da interação. Ao fazer uma representação, a imagem que o sujeito constrói de si está sujeita às mesmas rupturas a que as impressões estão sujeitas, caso haja discrepância com a realidade alimentada.

Simmel (*apud* Goffman, 1995: 69) acrescenta que há um “*sentimento (...) de que uma esfera ideal circunda todo ser humano*”. Assim, os sujeitos que constituem a platéia não interferem em assuntos que fazem parte da esfera íntima, da fachada pessoal do sujeito em atuação.

O sujeito em ação procura, mesmo que inconscientemente, usar de forma adequada a voz, o rosto e o corpo para transmitir a impressão que lhe interessa. Afinal, a representação de um papel designa aquilo que ele(a) é, a função que exerce socialmente.

Toda representação realiza-se em um lugar determinado, ao que Goffman (1995) chama de “região”. Uma região pode associar-se à expectativa a respeito da conduta dos sujeitos envolvidos, estabelecendo, assim, um comportamento regional. Nesse sentido, tem-se a denominação “*região de fachada*” para especificar o lugar onde uma representação particular é realizada.

Em cada região de fachada há a incorporação de certos padrões no tocante ao comportamento do sujeito durante a representação.

Assim como a região, cenário para a interação, interfere no comportamento do sujeito em representação, a linguagem por ele(a) utilizada sofre uma variedade em termos de formalidade e informalidade. Por intermédio da linguagem utilizada, pode-se ter acesso à linha de conduta seguida pelo sujeito em representação; bem como perceber se um comportamento é informal, marcado por elementos que denunciam intimidade, ou formal, marcado pela ausência desses elementos. Segundo Klineberg (1967: 71), a linguagem “*representa o que é especificamente humano na vida social*”. Bakhtin (1992: 113) afirma que “*a palavra é o território comum do locutor e do interlocutor*” e para Goffman (1981: 81), a organização social só é possível por via da comunicação verbal. A linguagem possibilita a explicitação ideológica do *status* social do sujeito em representação.

Geralmente, a platéia que assiste à representação de um sujeito em uma de suas regiões de fachada não é a mesma que assiste a ela em outra

região. Há um controle da região de fachada pela definição da platéia de forma que o papel desempenhado por um sujeito, assim como a platéia, varia de uma região para outra.

Uma interação pode ainda apresentar um duplo sentido. Isso acontece quando a interação dá-se entre um(a) subordinado(a) e um(a) superior(a) e o assunto encontra-se fora da competência do(a) subordinado(a), mas é dependente dele(a). Segundo Goffman (1995: 180), o duplo sentido aparece *“quando o subordinado emprega linhas de ação sem colocar em risco a diferença de condição social entre ele e seu superior”*.

Conforme o que foi exposto, a interação é tratada como meio de constituição social de um sujeito por um diálogo estabelecido entre ele(a) e outros sujeitos, ou o outro. O diálogo, em um sentido restrito, constitui uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta concernente à vida cotidiana; dá-se em um estabelecimento social mesclado por variadas condições sociais dos sujeitos que nele podem ser encontrados. Tem-se, assim, a interação estabelecida por um determinado número de encontros, ou diálogos, ao que se pode chamar interação face a face (e que constitui a célula da interação). Considera-se ainda que estes sujeitos podem ser portadores de diferenças culturais e diversos valores morais que influenciarão no desempenho de suas atividades.

Ao tomar como objeto de estudo a imagem social de um sujeito determinado, apreendida na interação social pela linguagem empregada, este sujeito representará o “ator” e os demais sujeitos constituirão a platéia, lembrando-nos que Goffman (1995: 223) ressalta: *“levamos uma vida social ‘também’ dentro de casa”*.

Esses estudos possibilitam a apreensão da constituição social da imagem de um ou mais sujeitos (personagens ou pessoas) em observação. Nessa perspectiva, uma vez acontecido o primeiro encontro entre os sujeitos em observação, os demais devem ser tratados como continuidade deste. Dessa forma, chega-se ao conceito de *interação* apresentado por Goffman. A interação dá-se por meio de uma relação social estabelecida pela seqüência dos encontros, o que possibilita a constituição do papel social. As possíveis alterações que podem ser encontradas, em termos das relações de poder, são decorrentes de uma seqüência dialógica. Portanto, os diálogos devem

ser tratados como continuados, o que possibilita aos sujeitos em atuação manter a face⁶, ou perder a face, uns diante dos outros.

Goffman (1967), refletindo sobre a interação, tema ou abordagem comum a seus estudos, ressalta as imprecisões dos limites analíticos no domínio das interações face a face. Essa questão se entrelaça estreitamente às propriedades rituais das pessoas e às formas egocêntricas da territorialidade. Nessa acepção, o que se tem concretamente para análise, em uma interação, são os olhares, os gestos, as posturas, enfim, o material comportamental e as enunciações verbais que cada um não pára de injetar, intencionalmente ou não, na situação em que se encontra. Tem-se, portanto, uma análise lingüística da interação, realizada por meio da linguagem verbal e não-verbal. Pode-se, nessa análise, abordar variados aspectos, tais como a estrutura da seqüência dos diálogos, representações, fachadas, imagens, etc.

Observando-se o comportamento lingüístico de um sujeito determinado, pode-se verificar, caso ocorra, a perda da face como conseqüência de um desequilíbrio na interação; nesse caso, o sujeito perderá a ordem expressiva condizente com a fachada social e/ou pessoal. Outro aspecto a ser destacado diz respeito à possibilidade de um sujeito, durante o encontro, alterar sua linha de ação, provocando, portanto, certa desordem, uma vez que os participantes encontram-se engajados e preparados para ações já estabelecidas.

Para Goffman (1967), em toda sociedade, quando determinados sujeitos encontram-se em interação verbal, há um sistema de regras de procedimento e de conduta orientando e possibilitando a organização da interlocução. Há, na verdade, o estabelecimento de uma espécie de acordo sobre o lugar e o momento da conversação, bem como sobre os temas a serem abordados e a identidade dos interlocutores envolvidos. Os participantes em uma interação face a face acreditam-se mútua e reciprocamente para estarem em conversação.

Durante a conversação, procedem sucessivas trocas que são unidades rituais relativamente formadas, as quais dividem o fluxo de informação e atividades. Nesse sentido, chega-se a um ajustamento funcional entre o “eu” socializado e a interação verbal.

Como a interação é constituída pela seqüência dos diálogos nos encontros, conforme afirmações anteriores, para mostrar que as relações não foram alteradas desde o último encontro, os sujeitos utilizam-se de pequenas cerimônias (como saudações) características das relações sociais, para que certa face seja mantida, evitando, pois, uma ruptura na relação e a destruição da face do outro. Dessa maneira, os diálogos não se interrompem, e cada interação face a face apresenta-se como uma unidade da interação social verbal. A vida social constitui-se por múltiplos acontecimentos mínimos.

Além de questões voltadas para análises predominantemente sociolinguísticas, encontramos em Goffman (1981) postulados que contemplam com maior especificidade propostas abarcadas pela chamada Análise da Conversação. Observando a alternância do papel dos sujeitos, em termos de locutor(a) e interlocutor(a), envolvidos no diálogo, Goffman analisa a estrutura do diálogo, destacando a presença dos pares declaração-réplica, ou pergunta-resposta. Entretanto, o interesse do autor, ao analisar a estrutura do diálogo, é evidenciar o *status* social – a imagem – que os sujeitos participantes na interação representam, pois a “forma do falar” legítima e é legitimada pela face.

Ao desenvolver seus estudos, relaciona o “tipo de pergunta” ao *status* social do(a) locutor(a), uma vez que um sujeito, ao dirigir-se a outro, encontra-se em um espaço determinado de onde está autorizado(a) a falar. O mesmo é observado em relação à resposta dada. O(a) “inquirido(a)” também se encontra em um determinado espaço social que o(a) autoriza a responder de uma determinada forma e não de outra. Nesse aspecto, Goffman (1981) ressalta as formas de tratamento empregadas, as palavras pronunciadas, o tom de voz, a localização das pausas, a maneira de retomar, o riso; podendo, ainda, surgir o silêncio ou um gesto como resposta. Ao longo da vida, nas atuações, todo e qualquer sujeito assume um papel comunicativo especializado, vinculado à tomada de posição nos acontecimentos cotidianos.

Em uma acepção goffmaniana, toda enunciação, bem como sua audição, traz uma marca da imagem e do quadro de participação do

lugar dos sujeitos envolvidos. Goffman (1981: 4) assegura ainda que “*deeply incorporated into the nature of talk are the fundamental requirements of theatricality*”.

Seguindo os estudos desse autor, vê-se que, na análise da conversação, deve-se observar também a possível presença de elementos como alterações entre o que o(a) locutor(a) quis comunicar e o que realmente comunicou; incompatibilidade em termos de conhecimento mútuo do contexto em que as palavras foram empregadas; expressões faciais que podem indicar ironia, sarcasmo, etc.

A conversação dá-se por unidades dialógicas na interação face a face, e cada situação social é diferente de todas as outras, implicando, portanto, diferentes níveis de linguagem. E a palavra, durante dois turnos, pode funcionar como uma única unidade interacional.

Essa proposta para a Análise da Conversação é apresentada por Goffman como subsídio para a busca da compreensão do que consiste no interesse central de seus estudos: evidenciar a face do sujeito em observação. Afinal, para esse autor, todo ato, verbal ou não, leva à revelação de algum aspecto do caráter de seu autor e de sua opinião aos olhos do auditório.

Considerando fundamental o contexto da conversação, Goffman (1981) estende uma crítica ao uso de frases autônomas para a exemplificação dos estudos lingüísticos, uma vez que este tipo de frase é descontextualizada e as réplicas são realizadas por um indivíduo, mas motivadas por outro precedente, ambos encontram-se socialmente contextualizados. Já a declaração precede a resposta no tempo, provoca ações, ou reações; assim, as respostas são provocadas.

Quando dois sujeitos estabelecem um diálogo, desde o momento inicial, sua vida encontra-se temporariamente transformada. Eles tornam-se, a partir desse momento, habitantes de um mundo social partilhado, estabelecido e continuamente modificado por seus atos de comunicação. Mantêm-se, por intermédio da fala na interação, voltados para o mesmo foco de interesse.

Analisando situações conversacionais concretas, Goffman (1981) afirma que, quando dois sujeitos que se conhecem, encontram-se para

falar sobre negócios ou trabalho, geralmente, a transação começa por um período de “tagarelice”, “falatório” que envolve os acontecimentos sociais mais importantes. Isto é caracterizado por uma relação global, considerando o que é de interesse comum a ambos. Quando passam do global para o específico, ocorre uma mudança de postura, podendo haver também uma alternância de códigos no tocante à linguagem empregada.

Na verdade, Goffman realiza uma análise estrutural do diálogo visando, a partir da linguagem verbal e não-verbal utilizada, a destacar o papel que o sujeito está representando e as mudanças de posição na interação entre dois sujeitos.

A análise supracitada segue o seguinte modelo: somente dois indivíduos em cena, um expressa o que pensa, ou sente, sobre determinada questão, o outro ouve. O discurso constitui o engajamento principal entre os dois. Durante a interação, os papéis do locutor e do receptor alteram-se segundo o padrão declaração - réplica. O direito reconhecido de falar passa de um para o outro.

O indivíduo, ao pronunciar seu próprio texto, instaura-se como sujeito e a partir do que pronuncia, pode ser identificado como determinado ser social, podendo também verificar seu *status*, seu papel, sua posição. Conforme Goffman (1981 e 1998b) discute, ao desenvolver o conceito de *footing*, isso pode ser considerado para o que se relaciona à posição social de cada um dos sujeitos envolvidos na interação. O(a) locutor(a) pressupõe que os ouvintes conhecem seu *status*, bem como a própria posição e forma de comportamento que devem utilizar.

A enunciação pode pressupor um texto anterior, os objetivos no envolvimento imediato, o conhecimento e as marcas de conduta. Quando um sujeito conhece o outro, referindo-se a experiências passadas com certa familiaridade, existe uma base sobre a qual se apóiam, anafórica e deiticamente.

Para encerrar essa abordagem, Goffman (1981) afirma ainda que um sujeito constitui um traço perceptível do que o outro, em seu convívio, é autorizado, socialmente, a supor que ele(a) tem no rosto; definindo-se, assim, sua fachada.

Considerações finais

Diante do exposto sobre as contribuições de Erving Goffman para os estudos lingüísticos, à guisa de conclusão, vale reiterar, ainda que de forma enumerativa, alguns aspectos relevantes.

O primeiro refere-se à questão da interdisciplinaridade, comumente presente em vários estudos, envolvendo variadas áreas. Nesse sentido, aqui, tem-se a relação da Lingüística com outras disciplinas, tais como a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia; e uma observação mais minuciosa evidencia também a relação entre subáreas da Lingüística, a saber: Sociolingüística Interacional, que se ocupa da sobreposição de voz nas relações sociais e considera que o discurso do sujeito revela seu *status* e sua visão de mundo; Análise do Discurso, em especial a anglo-saxônica que, segundo Maingueneau (1993), toma como objeto essencial de estudo a conversação cotidiana comum, origina-se da Antropologia e toma como método o interacionismo, valendo-se da Psicologia e da Sociologia; e Análise da Conversação que se preocupa com a descrição das estruturas da conversação, seus mecanismos organizadores e outros aspectos, destacando-se, como afirma Gumperz (1982), os processos cooperativos presentes na atividade conversacional.

Dentro dessa interdisciplinaridade, ressalta-se o que aqui se apresenta como o segundo aspecto destacado: a análise lingüística centrada na interação. A interação, conforme conceituação anteriormente apresentada, dá-se por uma seqüência dialógica. Cada diálogo, ou encontro, pode ser analisado isoladamente, como tarefa específica da Análise da Conversação, podendo ser também uma análise sociolingüística centrada na interação face a face.

A observação de um determinado número de diálogos, ou encontros, evidencia a identidade de um sujeito, considerando-se a complexidade que o(a) envolve. De tão complexo, marcado por uma heterogeneidade constitutiva, no tocante ao quadro interacional, um único sujeito parece ser muitos.

Nessa perspectiva, numa acepção lingüística, chega-se a outro aspecto em destaque. Refere-se à constituição do sujeito discursivo, seu caráter polifônico, as marcas de heterogeneidade no discurso, o que constitui prioritariamente objeto de estudo da Análise do Discurso. Isso porque um sujeito interage com pessoas e situações diferentes, podendo ser formal ou

informal, e “*a palavra constitui o produto da interação do locutor e do ouvinte*” (Bakhtin, 1992: 113).

Vemos, na obra de Goffman, teorias sociolinguísticas permeadas por uma análise do discurso. A presença dessas disciplinas na teoria desse autor dá-se de maneira que não é possível estabelecer limites com alguma precisão no sentido de separá-las: são apresentadas em uma relação de interdisciplinaridade e, juntas, auxiliam na elucidação de questões propostas pela Sociologia, Psicologia Social, Antropologia. De maneira indissociável, complementam-se na busca da compreensão do ser humano por meio da linguagem verbal e não-verbal.

Referências bibliográficas

- Bakhtin, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1992.
- Bateson, G. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. *In*: Ribeiro, B. T. & Garcez, P. M. *Sociolinguística interacional*. Porto Alegre: Age, 1998.
- Fernandes, C. A. *O Coronel e o Lobisomem: uma abordagem sócio-interacional*. São paulo: AnnaBlume, 1999.
- Goffman, E. *Interaction ritual: essays on face-to-face behavior*. New York: Doubleday Anchor, 1967.
- _____. *Strategic interacion*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1970.
- _____. *La mise en scène de la vie quotidienne*. Paris: Les Editions de Minuit, 1973.
- _____. *Frame analysis*. New York: Harper Colophon Books, 1974.
- _____. *Forms of talk*. England, Basil Blackwell Publisher, 1981.
- _____. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- _____. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- _____. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, Vozes, 1995.
- _____. A situação negligenciada. *In*: Ribeiro, B. T. & Garcez, P. M. *Sociolinguística interacional*. Porto alegre: Age, 1998a.
- _____. Footing. *In*: Ribeiro, B. T. & Garcez, P. M. *Sociolinguística interacional*. Porto alegre: Age, 1998b.

- Gumperz, J. J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982a.
- _____ & Blom, J.-P. O significado social da estrutura lingüística: alternância de códigos na Noruega. In: Ribeiro, B. T. & Garcez, P. M. *Sociolingüística interacional*. Porto alegre: Age, 1998.
- Klineberg, O. *Psicologia social*. São Paulo: Fundo de Cultura, 1967.
- Magalhães, I. (org.). *As múltiplas faces da linguagem*. Brasília: Edunb, 1996.
- Maingueneau, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1993.
- Malufe, J. R. *A retórica da ciência - uma leitura de Goffman*. São Paulo: Hipótese, 1992.
- Philips, S. U. Algumas fontes de variabilidade cultural na ordenação da fala. In: Ribeiro, B. T. & Garcez, P. M. *Sociolingüística interacional*. Porto alegre: Age, 1998.
- Ribeiro, B. T. & Garcez, P. M. *Sociolingüística interacional*. Porto alegre: Age, 1998.

Notas

- ¹ Este estudo resulta do curso “*Sociolingüística: O Quadro Social e a Variação Sociolingüística*”, ministrado pela professora Dr^a Irenilde Pereira dos Santos - USP - 1997.
- ² Nota na orelha da obra: Magalhães (1996).
- ³ Referente à tradução apresentada por Ribeiro e Garcez (1998: 57 - 69). Tem-se nesta obra, referência à republicação do original de Bateson, em 1972.
- ⁴ Em Fernandes (1999), estudo destinado à análise da imagem ou imagens sociais do Coronel Ponciano de Azeredo Furtado, em *O coronel e o lobisomem*, verificou-se, sob uma ótica goffmaniana, que a linguagem verbal e não-verbal empregada na interação face a face coloca em evidência a imagem que o sujeito tem de si e a imagem que este sujeito procura fazer com que os outros (a platéia) tenham dele.
- ⁵ Goffman (1967): face pode ser definida como a imagem portadora de valores sociais positivos que uma pessoa reivindica efetivamente pela linha de ação que os outros supõem que ela adotou ao curso de um contato particular. Esta imagem (a face) do “eu” é delineada segundo certos atributos sociais aprovados e partilhados.